

# **Trabalho apresentado no V Congresso Internacional sobre as Festas do Divino Espírito Santo**

**Terceira/Açores**

**31 de maio a 3 de junho 2012**

## **O LEGADO DA CULTURA AÇORIANA NO RS/BRASIL: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E CULTURA.**

**Itaara Gomes Pires\***

**RESUMO:** Este texto tem por objetivo geral ressaltar a relevância da contribuição açoriana no Rio Grande do Sul, sobretudo neste período comemorativo que assinala os 260 anos do povoamento açoriano no Rio Grande do Sul/Brasil (1752 - 2012). Levando-se em consideração a dimensão da Educação, como um campo social que serve como amálgama para a memória coletiva, foi desenvolvido um projeto educacional que serve como contributo à identificação e preservação da cultura açoriana presente no território do Rio Grande do Sul/BR. O hiato geográfico acentuado pelo oceano não é capaz de diminuir a proximidade que existe, dada à origem comum e às contribuições açorianas aqui permanecidas. A Festa do Divino Espírito Santo é um importante elemento que compõe o mosaico da herança histórica açoriana presente na cultura regional rio-grandense. Além disto, o festejo e outros elementos culturais, como a dança, a gastronomia, jogos e brincadeiras infantis, fazem parte do legado açoriano e refletem a atuação histórica deste povo que protagonizou a incorporação do Rio Grande do Sul ao território brasileiro. Diante do exposto, o artigo expõe a dimensão da educação como um veículo capaz de perpetuar e ressignificar o legado deixado pela trajetória açoriana em suas incursões nas terras além-mar. Este trabalho subdivide-se em três partes fundamentais: a)breve explanação sobre a contribuição lusitana na formação do sistema educacional brasileiro no chamado período colonial (1500 – 1822); b)as contribuições culturais e políticas da imigração açoriana no Rio Grande do Sul e, por fim, c)relato do projeto educativo desenvolvido em uma escola de ensino

---

\* Itaara Gomes Pires é Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (2012). Professora de História da rede pública de ensino e Colaboradora do Instituto Cultural Português (Porto Alegre- Rio Grande do Sul/Brasil).

público da cidade de Porto Alegre – RS/Brasil, com o intuito de re-conhecer e valorizar as múltiplas contribuições dos açorianos que forjaram a cultura no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Educação, Festa do Divino Espírito Santo e Memória.

### **O Cenário Histórico-Educacional no Brasil-Colônia: a Contribuição Lusitana na Formação do Sistema Educacional Brasileiro.**

Sabe-se que os diferentes grupos autóctones, os nativos que outrora habitavam as terras brasileiras já possuíam suas estratégias de transmissão de conhecimentos, sobretudo, pela tradição oral. No entanto, conforme Ghiraldelli Jr (2003) a educação como marco institucional no Brasil, então colônia portuguesa, se dá somente depois de transcorrido quase cinquenta anos após o descobrimento, quando então é criado o Governo-Geral sob a administração de Tomé de Souza.

Para o entendimento do processo educacional que ocorre no Brasil à época de sua colonização, torna-se condição essencial buscar a compreensão da base epistemológica que abrigava o próprio entendimento da realidade portuguesa de então. Neste sentido, é que constatamos o próprio viver em sociedade portuguesa fundamentado sobre os marcos teológicos cristãos.

Os valores, as justificativas da condução da ordem social e das diretrizes políticas, mesmo para os portugueses que já tinham assimilado uma nova visão de mundo proporcionada pelo alvorecer dos descobrimentos, das técnicas e das ciências, ainda estavam alicerçados na compreensão do mundo sob a lente da religiosidade católica. No Novo Mundo então descoberto, os portugueses da época não se tratavam tão somente de aventureiros em busca de fortuna rápida e espoliação. Por certo, os primeiros colonos portugueses que aportaram no Brasil tiveram que se adequar a uma nova realidade, inóspita e bruta, mas mostravam-se fortalecidos, pois se mantinham ligados umbilicalmente ao próprio sentido de ser cristão, construído ao longo dos séculos sob a égide religiosa católica. Não se caracterizando como uma adaptação artificial, os portugueses que no Brasil chegaram, colonos, jesuítas e capitães, em conjunto com indígenas e africanos desterritorializados, trataram de construir formas de vida dadas às novas circunstâncias, e esta interação gradativamente resultou em uma nova reconfiguração do todo.

O cenário histórico-educacional do Brasil colônia, no qual os portugueses são os protagonistas, foi forjado pela atuação do Padre Manoel da Nóbrega<sup>1</sup> e pela orientação da Companhia de Jesus. Este processo embrionário da educação brasileira sob a condução do Padre Manoel de Nóbrega apresentava inicialmente o ensino da língua portuguesa, a expansão da fé católica e estava apoiado no receituário da

---

<sup>1</sup> O padre Manoel de Nóbrega, português da região do Minho, nasceu em 1517 e veio a falecer em terras brasileiras em 1570. Como integrante da Companhia de Jesus deu início ao processo de instrução escolar no Brasil e preocupou-se com a catequese indígena. (GHIRALDELLI, 2003, pp.5-6).

própria Companhia de Jesus, que oficializada pela Igreja Católica em 1540<sup>2</sup>, tinha como campos de atuação: a prestação de serviço ao povo cristão na defesa, a promoção e propagação da fé nos territórios em missão, e a educação da juventude (GHIRALDELLI, 2003, p.7).

A atuação pedagógica dos jesuítas no Brasil passa a apoiar-se em um conjunto de normas, regras e condutas presentes no *Ratio Studiorum*<sup>3</sup> e as aulas das primeiras letras são substituídas por um ensino orientado exclusivamente aos jovens da elite, uma formação de acordo com a fé católica. Os jovens das ricas famílias eram apresentados, através da atuação do preceptor, ao mundo das letras e às noções básicas da aritmética e, só depois, basicamente instruídos, eram encaminhados aos colégios jesuítas. Desta maneira, a instrução escolar vigorou no Brasil até a expulsão dos jesuítas em 1759.

Foi a partir da ação política de Sebastião José de Carvalho e Melo, posteriormente intitulado Marquês de Pombal, primeiro-ministro à época, que ocorreu a expulsão da Companhia de Jesus do solo brasileiro. Preocupado em desenvolver reformas econômicas e políticas com o intuito de melhor adequar seu país e suas colônias ao mundo moderno em franco desenvolvimento, Pombal atuou no campo educacional sob a influência do Iluminismo, reorganizando o ensino de modo a extinguir o antigo curso de Humanidades e instituindo as chamadas “aulas régias”, isto é, o ensino “avulso” de latim, grego, filosofia e retórica. A complementaridade dos estudos continuava ocorrendo nas Universidades de Lisboa e Coimbra, por exemplo.

A vinda da Família Real Portuguesa ao Brasil, em 1808, alterou o cenário educacional de modo efetivo. A criação de uma série de cursos profissionalizantes e em nível superior procurou estruturar o ensino no Brasil à semelhança da Corte.

### **Contribuições Políticas e Culturais da Imigração Açoriana no Rio Grande do Sul.**

Temos poucos dados e fontes históricas à disposição que contribuam com a necessária tarefa de reconstituir a chegada dos açorianos na região sul do Brasil, particularmente em relação ao estado do Rio Grande do Sul, em meados do século XVIII. Em parte, podemos depreender que isso ocorra devido ao território ter sido no passado, palco de guerras intermitentes, o que por certo dificultou a conservação de documentos. No entanto, um olhar atento sobre a cultura rio-grandense deixa à mostra traços

---

<sup>2</sup> A bula *Regimini Militantes Ecclesiae* de Paulo III, de 27 de setembro de 1540, confirma publicamente a existência jurídica da Companhia. (SOUSA, 2003).

<sup>3</sup> Os Jesuítas, através de sua rede de escolas públicas espalhadas pelo mundo, ganharam um papel extremamente decisivo no campo da educação. O problema que se colocava então era o de uniformizar a organização curricular, os objetivos, os métodos de estudo e de trabalho, enfim, de normatizar o ensino ministrado. O documento oficial cujo título completo é *Ratio Atque Institutio Studiorum Societatis Jesu* deu forma ao conteúdo pedagógico que iria orientar a todos os jesuítas, no Brasil e fora dele. (SOUSA, 2003).

importantes da presença açoriana na constituição da identidade “gaúcha”, sul-rio-grandense. Cabe a todos os interessados, particularmente aos genealogistas, geógrafos, historiadores e professores de História lançarem-se à busca dessas informações, tal qual um viajante busca examinar os caminhos percorridos e as estradas a trilhar.

O estado do Rio Grande do Sul em relação aos demais estados brasileiros traz como marca de sua singularidade o fato de ter sido inicialmente conquistado pelos espanhóis. Neste sentido, travou-se uma intensa disputa política-militar, sobretudo no século XVIII, entre os dois Estados europeus pelas terras no extremo-sul daquilo que viria a se tornar território brasileiro, de posse portuguesa.

O Tratado de Madri, de 1750, formaliza a anulação do Tratado de Tordesilhas (1494) e estabelece a troca da área das Missões (aldeamentos indígenas espanhóis), construídos em solo sul-rio-grandense à Coroa Portuguesa. Em benefício da Espanha, a Colônia de Sacramento, povoamento e forte lusitano, presente no atual território do Uruguai é entregue à Espanha.

Diante deste novo acordo político entre os países da Península Ibérica, Portugal busca garantir o domínio das novas terras com o envio de povoadores e defensores da área em disputa.

As ilhas dos Açores ofereciam o maior número de “casais de número” dispostos a avançarem ao ultramar, visto que esta região se encontrava densamente povoada e, de certa forma, carecia de alimentos suficientes. Conforme Pereira (2002), diante desta situação local e da imediata necessidade de garantir a posse das terras ao extremo-sul do Brasil, a Coroa Portuguesa incita o recrutamento de casais através de editais publicados nos Açores:

"El-Rei faz mercê aos casais que quiserem se estabelecer no Brasil de facilitar o transporte e o estabelecimento à custa da sua Real Fazenda. Logo que chegarem a desembarcar no Brasil, a cada mulher de mais de doze anos e menos de vinte e cinco, casada ou solteira, se darão 2:400 réis de ajuda de custo e aos casais que levarem filhos se lhes darão 1:000 réis por cada um para ajuda de os vestir. Ao chegarem aos sítios que hão de habitar, se dará a cada casal uma espingarda, duas enxadas, um machado, uma enxó, um martelo, um facão, duas facas, duas tesouras, duas verrumas, uma serra com a sua lima e travadura, dois alqueires [27,132 litros] de sementes, duas vacas e uma égua e no primeiro ano se dará a farinha que se entender basta para o seu sustento...".

Segundo Barroso (2008, p.1), diante deste apelo, chegaram em 1752 pelo Porto de Rio Grande, os primeiros casais açorianos ao Rio Grande do Sul. Conforme Wiederspahn (1979), os ilhéus que vieram povoar a Capitania do Rio Grande de São Pedro, atual

estado do Rio Grande do Sul, eram oriundos das nove ilhas dos Açores. Todavia, o maior contingente era originário da Ilha de São Jorge.

Ao contrário do que poderíamos esperar, o Tratado de Madri não fez cessar o clima beligerante da região. A despeito do acordo existente entre os países colonialistas, a Guerra Guaranítica<sup>4</sup> trouxe insegurança aos casais recém-instalados. Porém, estes persistiram apesar das circunstâncias de conflito.

O Tratado de Santo Ildefonso<sup>5</sup> não impediu as ações políticas da Coroa Portuguesa de continuar incentivando o avanço de seus domínios na colônia Brasil a oeste. Através da concessão de sesmarias, garantiu na prática o território outrora conquistado pelo Tratado de Madri. Pois, conforme Barroso (2008, p.2):

(...) aquela era uma estratégia eficaz e sem ônus para a Coroa, na medida em que o sesmeiro ao ganhar a propriedade, tratava logo de transformar sua posse numa verdadeira fortaleza. Assim, ao resguardar seus bens estava também garantindo a posse portuguesa na área em conquista.

Politicamente a presença açoriana em solo sul-riograndense foi capaz de consolidar a formação territorial ao sul do Brasil. Economicamente, o estado do Rio Grande do Sul passou a ser fornecedor de alimentos para o mercado local, sobretudo pela atuação dos açorianos.

Culturalmente, a religiosidade constitui-se como um elemento de destaque da herança açoriana presente no estado do Rio Grande do Sul. O povo açoriano orgulha-se, e com razão, da exterioridade das festas religiosas tradicionais. Por certo, a contradição inerente de sofrer o isolamento geográfico e ao mesmo tempo ter o mar como um convite à aventura, faz refletir na alma açoriana a forte característica religiosa.

Conforme Serpa (1978, p.77), também os fenômenos sísmicos e vulcânicos devem estar presentes na análise da dimensão religiosa. Diz o autor:

A gente dessas ilhas está grandemente influenciada, na sua religiosidade, pela interpretação clerical dos fenômenos violentos da natureza. Pois se no solo ilhéu ficaram impressos profundos e inapagáveis vestígios destes fenômenos, na alma açoriana ficaram, igualmente, traços indeléveis dessa ameaça que sempre tem feito parte da história destas ilhas.

---

<sup>4</sup> A Guerra Guaranítica (1753 – 1756) correspondeu à reação bélica deflagrada pelos índios que contestavam as cláusulas presentes no Tratado de Madri. A saber, a troca da área das reduções jesuíticas (Sete Povos das Missões – Espanha) pela Colônia de Sacramento (Portugal), sem a devida consulta aos habitantes indígenas.

<sup>5</sup> O Tratado de Santo Ildefonso (1777) afirma a perda do direito de posse de Portugal sobre os domínios das Missões e da Colônia do Sacramento.

Não é nossa intenção, limitar ou reduzir a dimensão religiosa açoriana como um produto de forças naturais. No entanto a interpretação de Luís Ribeiro (1964, p.84) demonstra o quanto estes fenômenos influenciam o espírito religioso dos ilhéus:

Em presença duma erupção vulcânica ou de um abalo da terra, o homem sente com desusada violência a sua fraqueza e a grandeza das misteriosas forças naturais que o cercam. Surpreso, apavorado, procura acolher-se à proteção divina, por que as forças que se desencadeiam a sua volta excedem muito todas as suas possibilidades de defesa e recorre então a Deus para que lhe salve a vida ou lhe conceda uma boa morte. Sob a ameaça de ver destruído tudo o que o cerca, compreende a fragilidade do que é material e terreno, e desenvolve uma noção, mais perfeita do que nunca, daquilo que é eterno. Daqui provém a ação do vulcanismo sobre o espírito religioso.

Esta interpretação parece-nos bastante significativa, principalmente se levarmos em consideração os primeiros tempos da vida social no arquipélago, onde a palavra do clero *assumiu a responsabilidade da assistência religiosa destas ilhas desde o momento do seu povoamento e durante as vicissitudes da sua história.* (SERPA, 1978, p.78).

Ainda segundo Serpa (1978, p.88) dentre os inúmeros aspectos da religiosidade açoriana, as **Festas do Divino Espírito Santo** são grandes manifestações da religiosidade e do folclore insular, apresentando variações consideráveis de ilha para ilha, a par das cerimônias da coroação, as rezas de terço, o bodo, os cortejos.

O respeito aos santos e particularmente a devoção à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade acompanharam os açorianos em seus percursos além-mar e ao sul do Brasil. A religiosidade açoriana os auxiliou a suportar as dificuldades inerentes ao processo de serem transplantados a uma região tão longínqua, como é o estado do Rio Grande do Sul.

Assim como os abalos sísmicos provocaram verdadeiros sulcos no relevo dos Açores, também o povo açoriano introjetou em solo gaúcho (ao sul do Brasil) as suas marcas culturais no cotidiano local, através da linguagem, nas expressões e adágios populares açorianos, como por exemplos: “O bom filho, à casa torna” (Terceira); “O caro é barato e, o barato é caro” (S. Miguel); “Quem mal ata, mal desata” (Terceira); “Quem mais tem, mais quer” (Faial); “Vaso ruim, não quebra” (S.Jorge); “Um mal nunca vem só” (Faial); “Tal cabeça, tal sentença” (Terceira); “Santo de casa, não obra milagres” (Faial).

Conforme Barroso (2008) também as benzeduras ainda estão presentes no cotidiano do povo rio-grandense, legado dos nossos antepassados açorianos, principalmente para *cobreiro e pé torcido*. Nas brincadeiras infantis, particularmente nas cidades menores, devido à maior segurança que é proporcionada, ainda é possível acompanhar as correrias infantis das brincadeiras como *cabra cega* ou mesmo vislumbrar as pandorgas (papagaios ou pipas) erguidas pelo vento, no céu. Os versos

presentes nas antigas cantigas de roda ainda estão presentes nos intervalos escolares, como por exemplo: “Atirei o pau no gato”; “A canoa virou”; “Ciranda, cirandinha” e outras tantas. Também a presença açoriana mostra-se através da arquitetura em municípios menores, como por exemplo: Santo Antônio da Patrulha. E mesmo em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do sul, ainda preservada, temos a *Ponte de Pedra*, obra de João Baptista Soares da Silveira e Souza, açoriano da Ilha de São Jorge. A gastronomia gaúcha também preserva receitas originárias da culinária açoriana, como o arroz doce, os suspiros, os sonhos e os pães.

Ao considerar a relevância da imigração açoriana no Rio Grande do Sul, sobretudo pelo seu legado histórico, de protagonistas na incorporação do Rio Grande do Sul ao território brasileiro e, com o intuito principal de destacar a herança histórica material e imaterial presente deste povo em solo rio-grandense, é que passamos a última parte desta comunicação.

### **A prática educativa escolar como contributo à memória açoriana presente no estado do Rio Grande do Sul.**

A prática pedagógica, que a seguir relataremos, caracterizou-se pelo entendimento de que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”<sup>6</sup> e que deve buscar a aproximação entre o entendimento do conteúdo curricular e a produção de elementos que contribuam com a percepção e construção da *cultura* da diversidade, pautada no respeito ao outro e à diferença.

Assim é que desenvolvemos o projeto “O reviver da cultura açoriana sobre o olhar do educando” com alunos da 6ª série da Escola Cônego Paulo de Nadal, da rede pública de ensino do estado do Rio Grande do Sul/ Brasil.

O intuito das atividades escolares além de elucidar a contribuição açoriana nos acontecimentos histórico-políticos de formação do Rio Grande do Sul, também priorizou a elevação da autoestima dos educandos através da identificação dos aspectos açorianos presentes na cultura sul rio-grandense.

Uma sala de aula do ensino fundamental da rede pública de ensino serve como um espelho que reflete a formação multiétnica do povo rio-grandense. Elementos constituintes do cenário social, temos inicialmente os próprios nativos e a seguir, os africanos escravizados. Juntaram-se a estes, majoritariamente no século XIX, levas de imigrantes oriundos de diferentes lugares: poloneses, austríacos, ingleses, italianos e alemães.

Ao olharmos para a produção acadêmica percebemos que, dos grupos étnicos formadores da História Gaúcha, alemães e italianos dispõem de estudos bastante consolidados. Todavia, temos poucos trabalhos focados na contribuição lusa, apesar

---

<sup>6</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. RJ: Paz e Terra, 1997, p.60.

de contarmos com a presença lusitana em solo brasileiro desde 1500 e, particularmente neste que é hoje o estado do Rio Grande do Sul, contarmos com a presença açoriana desde 1752.

Os locais colonizados pelos primeiros açorianos formam hoje as cidades de Viamão, Porto Alegre, Taquari, Osório, Santo Antônio da Patrulha e Gravataí, esta última chamada, no período colonial, de *Antiga Aldeia dos Anjos*.

Apesar de completarmos em 2012, 260 anos do povoamento açoriano em solo gaúcho, de um modo geral, os livros didáticos de História do ensino fundamental gaúcho sofrem a ausência de textos que expressem a contribuição cultural açoriana em nosso estado. O legado açoriano tende a se resumir em poucos parágrafos, focados apenas na fundação de Porto Alegre.

Neste sentido, justificamos a elaboração desta atividade pedagógica que priorizou uma aprendizagem lúdica e o estímulo da curiosidade histórica do passado para o planejamento de um futuro pautado na tolerância étnico-cultural.

#### **O percurso da Proposta:**

Inicialmente fez-se necessário instigar a curiosidade histórica nos alunos. Para tanto, apresentamos através de imagens previamente retiradas da internet: edificações e monumentos de caráter açoriano presentes em nosso território, fotos da culinária, jogos, brincadeiras, artesanatos, festas (**Festa do Divino**, Cavalhadas e Terno de Reis), trechos de canções e vestimentas típicas. Tudo isso, seguido de interrogações, tais como: qual o significado deste monumento? Qual a origem destes doces e brincadeiras? Quem são estes que se vestiam desta maneira? Quais festas são praticadas pelas comunidades? A partir disto combinamos com os alunos uma “viagem no tempo e no espaço” através do laboratório de informática, onde a dinamicidade e a quantidade de informações da internet nos conduziu para o próximo passo.

Em sala, durante as aulas de Geografia e História, apresentamos a localização geográfica do arquipélago, as ilhas que o constituem e a inter-relação da vinda destes imigrantes com a ocupação, povoamento e apropriação do espaço sul-rio-grandense, sustentando dessa forma os interesses do Estado Lusitano aqui na América. Propusemos a confecção de revistas que abordassem os diferentes aspectos do legado açoriano que pouco aparecem nos livros, mas que muito estão presentes em nosso cotidiano.

Os alunos foram divididos em 05 grupos e a estes foram distribuídas diferentes temáticas: festas açorianas, culinária açoriana, danças açorianas, artesanato açoriano, brincadeiras e poemas açorianos.

Ao término do trabalho foi proposto aos alunos que apresentassem seus dados pesquisados sobre a cultura açoriana aos estudantes do 2º ano das séries iniciais. Para



grata surpresa os alunos receberam com otimismo a proposta. Explica-se este otimismo pelo fato de terem se empenhado na coleta e na análise dos dados.

Os alunos puderam identificar e reconhecer as marcas açorianas existentes entre nós, saborear o conhecimento produzido por eles, através da recriação das manifestações culturais talhadas na complexa identidade gaúcha. Para nós, professores, fica sempre presente a tarefa histórica de mantermos vivo o legado deste povo que, frente às adversidades em um tempo de grandes embates político-militar, souberam alicerçar suas raízes nestas terras além-mar.

### **Considerações Finais**

Enorme é a herança lusa no território brasileiro. Para além dos portugueses do continente, temos particularmente presente na formação do Rio Grande do Sul, a marca da cultura açoriana talhada na identidade gaúcha (no estado mais ao sul do Brasil).

Inúmeras são contribuições dos ilhéus na arquitetura, no artesanato, na culinária, nas músicas e na dança, nas brincadeiras infantis, na literatura oral através dos adágios, adivinhas e poesias, e na religiosidade preservada e ressignificada nas Festas do Divino Espírito Santo.

O aniversário dos 260 anos do Povoamento Açoriano no Rio Grande do Sul mostra-se como uma oportunidade singular para a divulgação e preservação desta herança histórica.

O desconhecimento da História não cria nenhum quadro de referência e valores. É necessário, portanto, tomar consciência de que a história construída no seu cotidiano é um bem valioso. Assim aprende-se a valorizar estes que pelo trabalho, em meio a inúmeras privações, souberam consolidar a formação do estado do Rio Grande do Sul/Brasil.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BARROSO, Véra Lucia Maciel. **Os açorianos no Rio Grande do Sul**. Revista Atlântida do Instituto Açoriano de Cultura, 2008. Disponível em: <http://www.comunidadesacorianas.org/index.php?idioma=PT> Acesso em: 15/03/2012.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Filosofia e História da Educação Brasileira**. SP: Manole, 2003.

LAYTANO, Dante de. **Arquipélago dos Açores**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1987.

LEAL, João. **Açores, EUA, Brasil – Imigração e Etnicidade**. Direção Regional das Comunidades, 2007.

PEREIRA, José Almeida. **Contribuição dos Açores à colonização do Brasil nos séculos XVII e XVIII.** 2002. Disponível em: <http://www.ihit.pt/new/boletim.php?area=boletins&id=74>

PIRES, Itaraa Gomes; CRUZ, Jairton Ortiz. **O Reviver da Cultura Açoriana sob o olhar do educando.** Porto Alegre: Décima Ilha Açoriana/ Revista Semestral da Presença Açoriana, 2011.

RIBEIRO, Luís. **Subsídios para um Ensaio sobre a Açorianidade: Etnogenia, Vulcanismo e Religiosidade.** Angra do Heroísmo: Coleção Insulana, 1964.

SERPA, Caetano Valadão. **A Gente dos Açores. Identificação – Emigração e Religiosidade – Séculos XVI – XX.** Lisboa: Prelo Editora, 1978.

SOUSA, Jesus Maria. **Os Jesuítas e o Ratio Studiorum. As Raízes da Formação de Professores na Madeira.** Universidade da Madeira, 2003. Disponível em: <http://www3.uma.pt/jesusousa/Publicacoes/31OsJesuitaseaRatioStudiorum.PDF>  
Acesso em: 22/03/2012.

WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. **A colonização açoriana no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/ Instituto Cultural Português, 1979.